

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL  
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE JARDIM  
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

**PAULA JARA MORINIGO GOMES**

**O PROCESSO DE URBANIZAÇÃO E PRODUÇÃO DO  
ESPAÇO URBANO NA CIDADE DE JARDIM/MS: UMA  
ANÁLISE SOBRE A VILA ANGÉLICA**

JARDIM/MS  
2016

**PAULA JARA MORINIGO GOMES**

**O PROCESSO DE URBANIZAÇÃO E PRODUÇÃO DO  
ESPAÇO URBANO NA CIDADE DE JARDIM/MS: UMA  
ANÁLISE SOBRE A VILA ANGÉLICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Coordenação do Curso de Geografia da Universidade  
Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de  
Jardim, como pré-requisito para obtenção do grau de  
Licenciado em Geografia, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>.  
Ana Paula Camilo Pereira

JARDIM/MS  
2016

## Ficha Catalográfica

Elaborada pelo Serviço Técnico de Biblioteca e Documentação

UEMS - Jardim

GOMES, P. J. M.

O processo de urbanização e produção do espaço urbano na cidade de Jardim/MS: uma análise sobre a Vila Angélica/ Paula Jara Morinigo Gomes – Jardim: [ s.n], 2016.

61 f.

TCC (Graduação) – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

Orientador: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Ana Paula Camilo Pereira

1. processo de urbanização 2. produção do espaço urbano 3. Vila Angélica 4. Jardim.

É concedida à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul a permissão para publicação e reprodução de cópias deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) somente para propósitos acadêmicos e científicos, resguardando-se a autoria do trabalho.

---

Paula Jara Morinigo Gomes

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha família em especial a meu esposo Fagner Paredes Gomes, meu filho Eduardo Morinigo Gomes, a meu pai Braz Ramão Morinigo (em memória) e a minha mãe Maria de Lourdes Jara por sempre me apoiarem durante a minha jornada acadêmica. Aos meus colegas de curso em especial as minhas amigas Lucielle Machado Fogaça e Luciane Ferreira Leite que me incentivaram durante o processo de elaboração desse trabalho.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me concedido força e sabedoria para vencer as barreiras que tive de enfrentar durante todo o processo de formação acadêmica.

Aos meus familiares minha mãe Maria de Lourdes Jara e irmãs Patrícia Jara Morinigo e Gislaine Borges Jara por terem cuidado do meu filho em todos os anos que tive que ficar ausente por conta do curso.

Meu esposo Fagner Paredes Gomes por ter estado ao meu lado e me incentivado nestes quatro anos de academia e meu filho que mesmo muito pequeno pode compreender a minha ausência todas as noites.

Gostaria de agradecer também a minha orientadora Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Paula Camilo Pereira por ter me acompanhado e orientado na elaboração desse trabalho, e por não ter me deixado desistir no meio do caminho.

Agradeço também os moradores da Vila Angélica que responderam a pesquisa prontamente.

Aos colegas de turma pelo companheirismo que tiveram nesses quatro anos de curso.

Em especial a todos os professores do curso de Geografia da UEMS, que me ensinaram a compreender com seus ensinamentos que esse curso não é só de mapas, mas sim de muitas correntes de pensamento que dão um novo sentido a geografia.

Meu muito obrigada a todos que me ajudaram direta e indiretamente nos quatro anos de curso e, também, agora nessa reta final com a elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso.

## EPÍGRAFE

O mundo é formado não apenas pelo que já existe, mas pelo que pode efetivamente existir.

Milton Santos (2000)

## RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar o processo de urbanização e produção do espaço urbano na cidade de Jardim/MS: uma análise sobre a Vila Angélica. Tal análise foi realizada na Vila citada a fim de compreender de que forma se deu seu processo de criação e produção do espaço urbano, quais foram os agentes produtores do espaço que contribuiu para esse processo de criação, além de analisar como esse bairro tem sido atendido com infraestrutura e serviços básicos, se a vila ainda passa por processo de produção do espaço urbano e como esse processo tem sido realizado no bairro. Se os terrenos vazios estão sendo preenchidos com habitações para serem comercializadas com o intuito de obtenção de lucro, sejam pelos proprietários antigos ou novos, muitos terrenos que estão sendo construídas as novas habitações são de loteamento recente, nos quais foram vendidos na época do loteamento da Vila em 1958 como chácaras, tais loteamentos estão contribuindo com o processo de produção e urbanização do espaço urbano da cidade. Com todas essas informações levantadas nessa pesquisa conclui-se que o loteamento Vila Angélica que foi criado em 1958 com o intuito de atender a grande demanda de população que a cidade de Jardim/MS na época, ainda passa pelo processo de produção de seu espaço Urbano, ou seja, essa Vila não esta totalmente urbanizada por conta de que dentro de seu perímetro urbano ainda existem chácaras que provavelmente no futuro vira a ser loteada novamente e vendida em forma de terrenos com a finalidade de serem vendidos para a construções de novas habitações que serão novamente vendidas as pessoas que tem interesse de adquirir moradia na Vila Angélica com a finalidade de se fixar na mesma.

**Palavras- chaves:** Processo de Urbanização; Produção do Espaço Urbano; Vila Angélica; Jardim.

## ABSTRACT

The present work aims to analyze the process of urbanization and production of the urban space in the town of Jardim/MS. An analysis about the neighborhood of Vila Angelica. This analysis was carried out in the neighborhood mentioned in order to understand how the process of creation and production of the urban space took place, what were the producer agents of the space that contributed to this creation process, besides analyzing how this neighborhood has been served with infrastructure and basic services, if the neighborhood still goes through the process of production of the urban space and how this process has been carried out in the neighborhood. If the empty residential lands are being filled with houses to be commercialized, with the purpose of obtaining profit by the former landholders or new owners, many residential lands that are being built the new houses are from recent residential land, which were sold at the time of the subdivision of the neighborhood in 1958 as farms, such subdivisions are contributing with the process of production and urbanization of the urban space of the town. With all this information gathered in this research, it is concluded that the Vila Angélica subdivision, created in 1958 with the purpose to provide the high demand from the population of Jardim/MS at the time, still goes through the process of production of its urban space, that is, this neighborhood is not entirely urbanized on account of the fact that within its urban perimeter there are still farms that probably in the future will be divided again and sold as residential lands in order to be sold for the construction of new housing that will be resold for people who have interest to acquire housing in the neighborhood of Vila Angelica with the purpose of living in that area.

**Keywords:** Urbanization Process; Production of Urban Space; Vila Angelica; Jardim.



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Cemitério dos Heróis: monumento que homenageia os soldados que morreram neste local.....	24
Figura 2 - Imagem da Sede do 6º Batalhão e Vilarejo que antecede a Vila Jardim.....	26
Figura 3 - Configuração urbana de Jardim/MS (1957).....	29
Figura 4 - Imagem da Vila Angélica (2016).....	32
Figura 5 - Novas habitações na Vila Angélica (2016).....	36
Figura 6 - Conjunto Habitacional Dinah Brum Escobar.....	37
Figura 7- Novo loteamento e construção de Conjunto Habitacional.....	38
Figura 8 - Ruas com pavimentação asfáltica e sem pavimentação asfáltica (2016).....	39
Figura 9 - Vazios urbanos na Vila Angélica (2016).....	41
Figura 10 - Instituições públicas que favorecem a busca por moradia na Vila Angélica (2016).....	43

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Crescimento populacional do município de Jardim/MS (1950 a 1970).....	28
--	----

## LISTA DE SIGLAS

C.E.R-3 – Comissão de Estradas e Rodagens nº 3

SANESUL – Empresa de Saneamento Básico de Mato Grosso do Sul

CEMED – Centro de Especialidades Médica e Diagnóstico

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>CAPÍTULO I</b> .....	15
1.1. Produção do espaço urbano: uma análise conceitual.....	15
1.2. Produtores do espaço urbano.....	17
1.3. Como o espaço urbano é produzido.....	19
<b>CAPÍTULO II</b> .....	23
2.1. Breve análise histórica sobre a formação territorial e a criação de Jardim/MS.....	23
2.2. A constituição de Jardim e o aumento populacional: elementos para compreender o processo de urbanização.....	27
2.3. Processo de produção do espaço urbano: da Vila Angélica na cidade de Jardim/MS.....	30
<b>CAPÍTULO III</b> .....	34
3.1. Vila Angélica: alguns elementos para discussão.....	34
3.2. Sistematização de dados: uma abordagem de campo sobre o processo de urbanização e produção do espaço urbano na Vila Angélica.....	35
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	45
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	47
<b>APÊNDICE</b> .....	48
<b>ANEXOS</b> .....	51

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo analisar o processo de urbanização e produção do espaço urbano na cidade de Jardim/MS, tendo como recorte espacial específico, a Vila Angélica.

O desenvolvimento da referida pesquisa foi feita metodologicamente por meio, primeiramente, de uma pesquisa bibliográfica para compreender teoricamente os conceitos discutidos, na qual verificou o que vem a ser produção do espaço urbano, quem produz o espaço urbano e como o espaço urbano é produzido, além de uma análise teórica sobre autores que tratam do processo de urbanização.

Em seguida realizou-se o levantamento do referencial teórico prático referente a um resgate histórico sobre a criação da cidade de Jardim/MS e, posteriormente sobre a criação da Vila Angélica. Este histórico da Vila Angélica foi importante para compreender como se deu o processo de produção e urbanização da Vila Angélica.

Logo após essas análises teóricas e histórica foi realizada a pesquisa de campo com a aplicação de questionário aos moradores residentes da Vila Angélica. Para compreender como foi o processo de produção desse espaço urbano, além disso, verificar se a mesma ainda está em processo de produção e de que forma isso acontece.

A ideia da realização dessa pesquisa se deu devido uma opção pessoal de analisar esse espaço urbano, uma vez que sou moradora da Vila Angélica e gostaria de entender como se deu o processo de sua criação, como o bairro foi criado, ou seja, como se deu seu processo de produção urbana e quais foram os elementos geográficos que levaram a esse processo, além de verificar se a mesma ainda passa por esse processo de produção.

Dadas estas explicações metodológicas, o trabalho foi organizado a partir de capítulos, assim o trabalho foi dividido em três capítulos.

O primeiro capítulo trata da teoria, uma discussão teórica sobre o conceito de “produção do espaço urbano”, considerando para isso uma análise conceitual na visão dos autores que trabalham a questão urbana, com foco nos estudos de Roberto Lobato Corrêa, Ana Fani Alessandri Carlos, Esther Limonad e Maria Encarnação Beltrão Sposito. Neste capítulo ainda verificamos qual é o papel dos agentes produtores do espaço que vem a ser os proprietários dos meios de produção, sobretudo os grandes industriais; os proprietários fundiários; os promotores imobiliários; o Estado e também os grupos sociais excluídos. Neste mesmo capítulo apresentamos a compreensão sobre como o espaço urbano é produzido quais

são os motivos que levam a esse processo, como o espaço urbano surgiu e se esse processo tem um final ou se está sempre em constante transformação.

O segundo capítulo, em seu primeiro momento faz um resgate histórico da criação da cidade de Jardim/MS, em que momento da história a cidade é criada, de que forma, e quais as circunstâncias de sua formação. Em seguida apresentamos a trajetória da formação da cidade de Jardim/MS, quais foram seus primeiros habitantes, as primeiras Vilas que foram criadas, o fluxo de pessoas que a cidade recebia na época, por quais motivos essas pessoas migravam para a cidade de Jardim/MS. Veremos também como foi o processo de produção do espaço urbano da Vila Angélica, quais foram os motivos que levaram a criação dessa Vila, quem foi o agente produtor do espaço que contribuiu para a criação da Vila Angélica na cidade de Jardim/MS.

No terceiro capítulo foi realizada uma pesquisa de campo, onde foram aplicados questionários com quatorze (14) questões nas quais são de perguntas diretas (sim ou não) e uma questão dissertativa, em que o entrevistado pode justificar sua resposta, nas quais os moradores responderam questões como há quanto tempo moram na Vila Angélica, se a casa é própria ou alugada, de que modo foi adquirida essa moradia e se está construída em loteamento recente, se a Vila Angélica possui infraestrutura como asfalto e rede de esgoto, se na rua em que vive a pessoa entrevistada estão sendo construídas novas residências que não seja de loteamento recente e para que fim vem a ser essas novas moradias, se a construção está sendo realizada pelo antigo ou novo proprietário do terreno.

Há também uma questão que verifica qual é a forma que os interessados em possuir uma casa na Vila Angélica estão adquirindo esse imóvel se é com recurso próprio ou com financiamento bancário, se ainda existem terrenos vazios na rua em que mora a pessoa entrevistada. E outra que pergunta ao entrevistado se ele acha que a Vila Angélica atende todas as necessidades de seus habitantes e a última pergunta se o morador considera que a Vila Angélica é melhor que os demais bairros da cidade de Jardim/MS.

Todas essas análises teóricas e de trabalho de campo foram realizadas com intuito de analisarmos como o processo de urbanização e produção do espaço urbano se processou e/ou se processa na Vila Angélica, como esse bairro considerado o maior da cidade de Jardim/MS em extensão territorial, tem sido produzido ao longo do tempo, se a mesma está toda urbanizada ou se ainda após seus 58 anos de criação passa por processo de produção de seu espaço urbano.

## CAPÍTULO I

### 1.1. Produção do espaço urbano: uma análise conceitual

A produção do espaço urbano é uma transformação permanente que ocorre nas cidades. Essas transformações fazem com que a cidade esteja em constante modificação ao longo do tempo, sendo que esta dinâmica de movimento e de transformações estão associadas às necessidades da sociedade.

As modificações ocorrem conforme a cidade se amplia, seja em extensão territorial, seja em relação à população, a densidade demográfica. Em outras palavras, mediante a produção e reprodução do espaço urbano, surge a necessidade de novos espaços, sobretudo para habitação. Nessa lógica, esta demanda se constitui na relação com a criação de loteamentos e, conseqüentemente as novas vilas.

Para compreender conceitualmente a produção do espaço e assim relacionar com nosso objeto de análise, nos baseamos em Carlos (2011) que destaca que a partir do questionamento sobre a elaboração do pensamento geográfico houve uma problematização na capacidade de se explicar o mundo e, nesse âmbito, diversos conceitos geográficos são repensados.

Esse momento de crítica do conhecimento no âmbito da ciência geográfica construiu-se com fundamentos que dava noção de “produção do espaço” com a orientação do materialismo histórico que favoreceu a passagem da noção “organização do espaço” para “produção do espaço”.

Pereira (2013) explica que para:

Entender o processo de produção e reprodução do espaço é condição imprescindível para compreender o objeto de estudo da ciência geográfica. Por isso, ter o conhecimento a respeito de quem produz esse espaço, como ele está sendo apropriado e usado, e ainda, saber como esse processo ocorre na prática, é prerrogativa básica e pré-requisito importante para identificar, por conseguinte os principais motivos pelos quais esse mesmo espaço torna-se o lócus da desigualdade. (PEREIRA, 2013, p.2)

Segundo Carlos (2011), a produção do espaço se dá pela sociedade que ao produzir um espaço como condição para sua existência, produz um lugar que lhe é próprio aonde virá a surgir histórias específicas ao longo do tempo. Dessa forma, a sociedade produz o espaço e se apropria dele, como que de maneira continuada, pois a reprodução do espaço é como a reprodução da vida, ininterrupta.

Carlos (2011) explica ainda que:

A análise do processo de produção do espaço urbano requer, portanto, a justaposição de vários níveis da realidade como momentos diferenciados da reprodução geral da sociedade, isto é o da dominação política, o da acumulação do capital e o da realização da vida humana. [...]. A materialização do processo é dada pela concretização das relações sociais produtoras dos lugares, ou seja, a dimensão da produção/reprodução do espaço, passível de ser vista, percebida, sentida, vivida (CARLOS, 2011, p. 70).

Todo esse processo faz parte da produção do espaço urbano. Para compreender como se dá esse processo é necessário entender primeiramente o que é espaço urbano.

Lustoza (2012) em seu artigo “Uma Reflexão sobre a Produção do Espaço Urbano” explica que o espaço não é simplesmente uma localização ou relações sociais de posse de propriedade, nele está representada também uma diversidade de preocupações sócio materiais. O espaço representa uma localização física, parte de um bem imóvel, ao mesmo tempo, um local geográfico onde a ação tem possibilidade social de participar na ação. A partir dessa explicação, compreende-se que o espaço é constantemente produzido.

A autora Lustoza (2012) relata ainda que em um plano individual, por exemplo, o espaço não só representa o local onde ocorrem os eventos, mas também tem a permissão social de participar desses eventos. Além disso, o espaço possui várias particularidades em um plano estrutural. É ao mesmo tempo o meio de produção como a terra e parte das forças sociais de produção como o espaço. Assim a propriedade, as relações sociais podem ser consideradas parte das relações sociais de produção, isto é, a base econômica. Observa-se ainda, que o espaço é um objeto de consumo, instrumento político, e um elemento na luta de classes.

Para Lustoza (2012) o espaço não está relacionado somente com a localização e relações sociais, ou seja, para que esse espaço seja produzido é necessário haver uma diversidade de elementos que no final dará um sentido a sua produção, dessa forma nenhum espaço é produzido sem ter uma definição um sentido de ser produzido.

Para Corrêa, o espaço urbano é compreendido pelas formas espaciais:

Em termos gerais, o conjunto de diferentes usos da terra justapostos entre si. Tais usos definem áreas, como: o centro da cidade, local de concentração de atividades comerciais, de serviço e de gestão; áreas industriais e áreas residenciais, distintas em termos de forma e conteúdo social; áreas de lazer; e, entre outras, aquelas de reserva para futura expansão. Este conjunto de usos da terra é a organização espacial da cidade ou simplesmente o espaço urbano fragmentado. Eis o que é espaço urbano: fragmentado e articulado, reflexo e condicionante social, um conjunto de símbolos e campo de lutas. É



assim a própria sociedade em uma de suas dimensões, aquela mais aparente, materializada nas formas espaciais (CORRÊA, 1995, p.7).

Dessa forma, o espaço urbano não é um só, mais sim um conjunto de diferentes espaços que são interligados e organizados, e nele existem grupos sociais diferentes, os quais tem uma relação com esse espaço uma história de vida em um determinado lugar que vem a ser a cidade.

## **1.2. Produtores do espaço urbano**

Nessa lógica, é importante destacar quem produz o espaço urbano. O espaço urbano é produzido pelos chamados agentes produtores do espaço. Segundo Corrêa (1995) os produtores do espaço são: os proprietários dos meios de produção, sobretudo os grandes industriais; os proprietários fundiários; os promotores imobiliários; o Estado e também os grupos sociais excluídos.

Assim, o espaço urbano é produzido e reproduzido por um conjunto de interesses, seja por parte dos proprietários dos meios de produção que vem a serem os industrialistas, os comerciantes, os especuladores imobiliários etc., que cada vez mais necessitam de espaço para a expansão e materialização de seus interesses capitalistas.

Segundo Corrêa (1995) esses agentes necessitam de terrenos amplos e baratos que satisfaçam requisitos locacionais pertinentes às atividades de suas empresas, e que em alguns casos precisam ser junto a portos, a vias férreas ou em locais de ampla acessibilidade à população.

Os proprietários fundiários que são os donos de terras rurais e urbanas estão sempre visando o lucro de suas comercializações de terras, pois quanto maior for o espaço que a região esteja necessitando para expandir a cidade, maior será o lucro desses proprietários.

De acordo com Corrêa (1995) os proprietários fundiários atuam no sentido de obterem a maior renda com suas propriedades buscando sempre e interessando-se em que estas tenham o uso mais remunerador possível, especialmente para uso comercial ou residencial de status, os mais poderosos, poderão até mesmo ter suas terras valorizadas através do investimento público em infraestrutura.

Os promotores imobiliários são parceiros dos proprietários de terras porque é através deles que os proprietários fundiários fazem a propaganda de suas propriedades que estão à venda, estes promotores podem fazer as seguintes operações: Corrêa (1995) incorporação;

financiamento; estudo técnico; construção ou produção física do imóvel; e comercialização ou transformação do capital-mercadoria em capital-dinheiro, agora acrescido de lucro, esses agentes usam de estratégias como, por exemplo, produzir habitações com inovações, com valor de uso superior às antigas, obtendo-se, portanto, um preço de venda cada vez maior, o que amplia a exclusão das camadas populares. Dessa forma buscam a melhor oferta de compra visando sempre no lucro com a venda da terra, pois ambos os lados sairão lucrando com a venda.

O Estado que vem a ser o poder público (federal, estadual e/ou municipal) atua diretamente na produção do espaço, pois está direcionado a criação de grandes áreas onde vão ser instaladas grandes indústrias que conseqüentemente irá gerar lucro para a região favorecendo o capital, mas também se constitui como um agente social promotor de políticas públicas habitacionais. Segundo Corrêa (1995) a atuação do Estado tem sido complexa e variável tanto no tempo como no espaço, refletindo a dinâmica da sociedade da qual é parte constituinte.

E por último os grupos sociais excluídos que são as classes trabalhadoras que muitas vezes são os que trabalham diretamente no processo de construção do espaço urbano para que os demais agentes sociais possam ser beneficiados com lucros excessivos fruto do trabalho dessa classe excluída, e muitas vezes essa classe de trabalhadores não possuem terrenos ou casas para morar. Corrêa (1995) explica que este é um dos fatores, que atrelado ao do desemprego, doenças, subnutrição, traçam a situação social dos grupos excluídos. A estas pessoas restam como moradia: cortiços, sistemas de autoconstrução, conjuntos habitacionais fornecidos pelo agente estatal e as degradantes favelas.

Segundo Corrêa (2011) os agentes sociais que produzem o espaço estão incluídos na temporalidade e espacialidade de cada formação socioespacial capitalista. São os agentes que materializam os processos sociais na forma de ambiente construído, que poderá ser a rede urbana ou o espaço intraurbano.

De acordo com Vasconcelos (2011, p. 75) “os agentes não capitalistas como os proprietários fundiários e, sobretudo, os invasores e ocupantes de terrenos, tem uma participação fundamental na conformação das cidades”.

Para Corrêa (2011, p. 43) a produção do espaço é consequência da ação de agentes sociais concretos, históricos, dotados de interesses, estratégias e práticas espaciais próprias, portadores de contradições e geradores de conflitos entre eles mesmos e com outros segmentos da sociedade.

Nessa mesma análise, Carlos (2011, p.68) destaca que a sociedade produz o espaço e, ao produzir vem revelar as contradições entre o processo de produção socializado, e a apropriação do espaço privado. Dessa forma o espaço se produz produzindo também os conflitos de uma sociedade produzida na desigualdade, ou seja, uma sociedade dividida em classes.

Carlos (2013, p. 51) complementa essa abordagem explicando que “o espaço urbano aparece como movimento historicamente determinado num processo social. O modo de produção do espaço contém um modo de apropriação, que hoje está associado à propriedade privada da terra”.

Corrêa (2011, p.44) explica que é partir da ação dos agentes sociais que o espaço é produzido, impregnado de materialidade de campos cultivados, estradas, represas e centros urbanos com ruas, bairros, áreas comerciais e fabris, mas também com significados diversos como os associados à estética, status, etnicidade e sacralidade.

Limonad (1996) afirma que para compreender o processo da produção do espaço urbano é preciso entendê-lo enquanto um processo espaço-temporal de reestruturação de um território e, simultaneamente como resultante deste mesmo processo que transcende as concepções da arquitetura, do urbanismo e da economia entre outros. Assim, a autora destaca que:

Um processo onde as desigualdades geográficas, econômicas, sociais etc., conjugadas à mobilidade espacial e setorial do trabalho contribuem para alterar o território, subordinadas às necessidades gerais de reprodução geral das relações sociais e espaciais de produção e ao desenvolvimento do meio técnico científico. (LIMONAD, 1996, p. 28).

Nesse processo existem as desigualdades que podem ser geográfica, econômica e social onde as mesmas contribuem para produção e desenvolvimento deste processo.

### **1.3. Como o espaço urbano é produzido**

Diante da abordagem apresentada, é preciso compreender como o espaço urbano é produzido e para isso é imprescindível analisar o processo de urbanização.

Para Sposito (1988, p. 6) a urbanização é um processo em que a cidade é a forma concreta deste processo.

Entender a cidade de hoje, apreender quais processos dão conformação à complexidade de sua organização e explicam a extensão da urbanização neste século, exige uma volta às suas origens e a tentativa de reconstruir, ainda que de forma sintética, a sua trajetória. (SPOSITO, 1988, p.6)

Para que se possa compreender o processo de urbanização é preciso fazer um resgate histórico, ou seja, voltar ao passado e reconstruir esse processo mesmo que seja de uma forma imaginária resgatar algumas informações da época e tentar reconstruir parte desse processo.

Segundo Sposito (1988) no Paleolítico o homem não se fixava era nômade, mas foi nesse mesmo período que o homem começa a ter uma preocupação com seus mortos preocupando-se em dar uma “moradia” a eles. Mumford (1998) chama atenção para este aspecto, ao dizer que: "... os mortos foram os primeiros a ter uma moradia permanente: uma caverna, uma cova assinalada por um monte de pedras, um túmulo coletivo. (...) A cidade dos mortos antecede a cidade dos vivos".

Segundo o autor, foi a partir desse período que houve a primeira possibilidade de surgimento da cidade, mesmo que os nômades não tivessem moradia fixa, agora tinham um motivo para se fixar em um determinado lugar e formar uma cidade.

Para Sposito (1988) foi somente no período seguinte, Mesolítico, que se realiza a primeira condição necessária para o surgimento das cidades: a existência de um melhor suprimento de alimentos através da domesticação dos animais, e da prática de se reproduzirem os vegetais comestíveis por meio de mudas.

Mesmo com todos esses motivos ainda não era possível o surgimento das cidades. Segundo Sposito:

[...], sabemos que a cidade é mais que o aglomerado humano que se formou historicamente num ponto do território, cuja razão de ser era o desenvolvimento da agricultura. Mas, sabemos também, que o sedentarismo e o próprio desenvolvimento da agricultura, traços da aldeia, são pré-condições indispensáveis, mas não suficientes, para as origens das cidades. [...]. (SPOSITO, 1988, p. 9)

Para esta autora, a aldeia, enquanto aglomerado humano, precede a cidade, mas não pode ser considerada como urbana, por estar relacionada com o que se entende hoje como atividades primárias (agricultura e criação), atividades estas que pela sua própria natureza exigem territórios extensivos.

“No início do processo de urbanização, a divisão social do trabalho era relativamente simples e se estabelecia, no plano territorial, sobretudo entre a cidade e o campo” (SPOSITO, 2011, p. 124).

A autora relata que quando se iniciou o processo de urbanização, existia uma divisão social do trabalho simples, ou seja, a cidade dependia do campo para suprir suas necessidades de matéria prima e, ao mesmo tempo, o campo precisava da cidade para continuar com sua produção de produtos primários. E explica ainda que: “desde a antiguidade, a constituição de uma divisão social e territorial do trabalho na escala interurbana, compondo redes urbanas, referentes a um domínio imperial”. (SPOSITO, 2011, p.125)

Ou seja, desde a antiguidade já existia um domínio nas redes urbanas, onde nessa época quem as dominava era o imperador. Carlos (2013) explica que:

Essa dimensão histórica é fundamental para a compreensão da natureza da cidade. Ela é essencialmente algo não definitivo; não pode ser analisada como um fenômeno pronto e acabado, pois as formas que a cidade assume ganham dinamismo ao longo do processo histórico. A cidade tem uma história. (CARLOS, 2013, p. 57)

Carlos (2013) cita que a origem da cidade é:

A história da paisagem urbana mostra os sinais do tempo que nela impregna suas profundas marcas. O mundo é produto do homem, da sociedade e, portanto o espaço produzido em cada momento será concretamente diferenciado. Podemos entender o mundo sensível como produto do homem, resultado da atividade de várias gerações, cada uma ultrapassando a precedente e aperfeiçoando sua indústria, seu comércio, e com isso criando infinitamente novas formas. (CARLOS, 2013, p.58)

A autora explica nesse trecho do texto que a paisagem urbana vai se modificando ao longo dos anos, pois o espaço é produzido pelo homem e por isso que está sempre em constante transformação de acordo com as novas gerações.

Para Carlos (2013) “A cidade, enquanto realização humana é um fazer-se intenso, ininterrupto. [...] Isso nos leva a associar a ideia da cidade com as imagens do inacabado”. A autora explica ainda que:

Trata-se, no entanto, de analisar a cidade, “por dentro”, isto é, refletir sobre sua natureza. Deve-se aqui lembrar que a cidade tem a dimensão do humano refletindo e reproduzindo-se através do movimento da vida, de um modo de vida, de um tempo específico que tem na base o processo de constituição do humano. (CARLOS, 2013, p.67)

Carlos (2013) explica ainda que mesmo na época dos nômades, que foi anterior a cidade não seria correta considerar o espaço como simples lugar da atividade humana, pois havia variação gradativa das relações homem-meio, tornando para o homem o crescente desenvolvimento de técnicas rudimentares tendo em vista não só passar pela terra, mas também aproveitá-la tirando seu sustento e em seguida nela permanecer.

De acordo com Carlos (2013) a produção espacial realiza-se de maneira que possa viabilizar o processo de reprodução do capital dessa forma a cidade representaria a materialização das condições de maneira geral do total do processo de produção.

O modo como a sociedade vive hoje é determinado pelo modo como o capital se reproduz, em seu estágio de desenvolvimento. Isso quer dizer, também, que o trabalhador não foge ao “controle” do capital, nem quando está longe do local de trabalho, pois o espaço da moradia tende a submeter-se as necessidades e perspectivas da acumulação do capital. [...]. O modo de vida urbano, sob o capitalismo, impõe disciplina. (CARLOS, 2013 p.77)

Dessa forma a autora explica que a sociedade de modo geral é dependente do capitalismo e que não está relacionado somente no campo de trabalho, mais também nos lugares onde moram, ou seja, o homem urbano vive sob o domínio do capitalismo.

Segundo Carlos (2013) a cidade é o lugar onde se concentra os meios de produção e de pessoas relacionadas à divisão técnica e social do trabalho, que estão ligadas ao processo produtivo. Dessa forma a cidade é vista e tida como concentração dos meios de produção como os serviços mercadorias, infraestrutura, trabalhadores e reserva de mão de obra.

De acordo com Pereira (2013, p. 1) “a cidade, tal qual conhecemos nos dias atuais, é produto da sociedade capitalista, que ao se reproduzir imprime no espaço geográfico a desigualdade que é inerente a esse modo de produção”. Dessa forma a autora explica ainda que:

Partindo dessa compreensão, é possível afirmar, portanto, que a casa passa a ter um valor que não está mais relacionado apenas ao seu uso, enquanto abrigo e local de convivência, mas sim ao seu valor de troca, assumindo a qualidade de mercadoria, passando a ter um novo significado, que por sua vez, varia de acordo com os interesses de quem produz o espaço urbano. (PEREIRA, 2013, p.1)

De maneira que na atualidade a cidade já não tem o valor “sentimental” que tinha na antiguidade, nos dias atuais passou a ter um valor mercadológico à produção do espaço urbano está relacionado aos interesses do capital só se produz esse espaço se o mesmo for trazer benefícios financeiros a quem o produz.

Em resumo, a constante produção do espaço urbano está inserida numa lógica que envolve a necessidade de mais espaço e da ação dos agentes produtores desse espaço. Assim, após essa abordagem teórica, no próximo capítulo discutiremos a relação que existe entre a necessidade da produção de mais espaço, na cidade de Jardim/MS, ou seja, a criação da Vila Angélica e quais foram os agentes produtores que contribuirão para a produção desse espaço geográfico.

## CAPÍTULO II

### 2.1. Breve análise histórica sobre a formação territorial e a criação de Jardim/MS

O processo de produção do espaço urbano de Jardim se dá simultaneamente ao processo de configuração da cidade, ou seja, de formação territorial.

Nessa concepção, para compreender o processo de produção do espaço urbano de Jardim é necessário retomar historicamente seu desenvolvimento. O território onde hoje se localiza a cidade de Jardim/MS pertenceu ao município vizinho de Bela Vista. Foi nessa mesma região que houve a Guerra do Paraguai a qual teve duração de cerca de seis anos de (1864-1870), em que estiveram envolvidos nessa Guerra três países: Brasil, Argentina e Uruguai.

Cavanha (2010) destaca que:

Após a invasão feita pelo Paraguai, em maio de 1865 ocorreu à aliança entre Brasil, Uruguai e Argentina dando origem à chamada Tríplice Aliança, que visava combater as tropas militares paraguaias. Durante a guerra as tropas da Tríplice Aliança ao adentrar no território paraguaio, passaram a sofrer com o desabastecimento devido à grande distância percorrida, começou então a faltar alimentos e munição para o combate à tropa inimiga. (CAVANHA, 2010, p.28)

Devido a todas essas dificuldades que as tropas brasileiras tiveram ao entrar em território paraguaio, que os fizeram tomar a decisão de retornar ao Brasil, pois nesse território corriam o risco de morrer de fome e sede ou serem apanhados pelos soldados paraguaios e mortos do mesmo jeito.

Ao retornar para o Brasil os soldados brasileiros tiveram ajuda dos irmãos Gabriel e José Francisco Lopes eles foram os primeiros a explorar a região e por isso tinham conhecimento da área, dessa forma foram eles que guiaram os soldados para o lado brasileiro até as margens do Rio Miranda, a saída dos soldados do território do Paraguai com a ajuda dos irmãos Lopes o que ficou conhecida como a “Retirada da Laguna”.

Segundo Cavanha (2010, p. 28) ao final da guerra ou pelo menos com a retirada de muitos militares houve um processo de aglomeração dos mesmos que não aguentavam caminhar por muito tempo, foram ficando pelo caminho por estarem fracos e doentes, por conta de muitos terem sido acometidos pela cólera.

Grande parte desses militares ficou em um lugar próximo de onde hoje é a cidade Jardim/MS, conhecido então como Cambaracé (choro de negro). Com a esperança de que os soldados paraguaios tivessem compaixão dos soldados brasileiros doentes seus companheiros deixaram um cartaz preso em uma árvore com a seguinte frase “compaixão para com os coléricos” isso não adiantou, pois, os mesmos foram mortos a tiro pelas tropas inimigas que acabaram os alcançando. Nesse espaço foi construído um monumento para homenagear esses soldados mortos, local onde hoje se encontra uma propriedade particular distante vinte quilômetros (20 km) do município de Jardim.

Já os militares que conseguiram continuar a caminhada em busca de alcançar seus objetivos, mesmo com as dificuldades que estavam enfrentando, pois, os mesmos estavam fracos e doentes por conta da cólera. Apesar da doença e fraqueza chegaram próximo à margem esquerda do Rio Miranda local em que José Francisco Lopes (Guia Lopes) faleceu junto com os demais soldados que ele guiava ambos morreram por conta da cólera.

No local em que José Francisco Lopes (Guia Lopes) e os soldados faleceram é o mesmo que foram sepultados, onde hoje é um cemitério em homenagem a eles o qual ficou conhecido como o “Cemitério dos heróis”, neste local existe os túmulos simbólicos para homenagear os soldados que morreram ali juntamente com José Francisco Lopes, pois os restos mortais dos militares não se encontram mais no local, foram retirados e levados para a cidade do Rio de Janeiro, esse local é de responsabilidade da 4ª Companhia de Engenharia Combate Mecanizada situada na cidade de Jardim/MS. A seguir a imagem do cemitério dos heróis.



**Figura 1:** Cemitério dos Heróis monumento que homenageia os soldados que morreram neste local.

**Fonte:** [www.geoparkbodoquenapantanal.ms.gov.br](http://www.geoparkbodoquenapantanal.ms.gov.br)



Neste contexto histórico, esses elementos demonstram a configuração do que viria a ser Jardim, sua origem, pois foi José Francisco Lopes (Guia Lopes) que fundou na margem do Rio Miranda a Fazenda Jardim, com sua morte seu filho mais velho João José Lopes, herdou a Fazenda.

Com o fim da Guerra do Paraguai o então governo da época determinou que fosse feita a remarcação dos limites fronteiriços com a República Federativa do Paraguai, e designou para essa tarefa o exército brasileiro através disso o território nacional teve uma nova definição territorial (CAVANHA, 2010)

O então Presidente da República Getúlio Dorneles Vargas mandou em 1934 o 6º Batalhão de separadores que tinha sua sede em Aquidauana construírem estradas que fizessem a ligação de Porto Murtinho a Bela Vista. Dessa forma, o 6º Batalhão mudou sua sede para Nioaque com o propósito de fazer reparos na estrada que ligava Nioaque a Aquidauana e em seguida melhorar o trecho que ligava a Bela Vista (CAVANHA, 2010).

O comando superior ordenou em novembro de 1936 que fosse feita a transferência da sede de Nioaque para a margem direita do Rio Miranda em uma Vila de nome Patrimônio Guia Lopes onde hoje está localizada a cidade de Guia Lopes da Laguna, nessa época o Batalhão teve o nome mudado para 6º Batalhão Rodoviário (CAVANHA, 2010).

A partir de 1938 começa a colonização de região do interior do Brasil com o projeto do então Presidente da República Getúlio Dorneles Vargas denominado de “Marcha para o Oeste” o projeto foi criado com o objetivo de construir estradas que ligassem a região oeste à capital brasileira.

Nessa época que começa a chegar o progresso para a região, pois com a construção de estradas e os reparos feitos nas mesmas que não tinham condições de tráfego as cidades que já existiam na época começam a ter ligação uma com a outra, dessa forma, também surgiam novas cidades.

O 6º Batalhão de sapadores que vinham de Aquidauana em 1939 se fixou à margem esquerda do Rio Miranda dentro da Fazenda Jardim de propriedade do senhor Fábio Martins Barbosa que era casado com a neta de José Francisco Lopes (Guia Lopes), o 6º Batalhão veio para a região com o objetivo de abrir estradas (LIMA, 2006).

O senhor Fábio Martins Barbosa cedeu às terras onde o exército se fixou, para que se alojassem os civis e militares. Assim que o acampamento se fixa definitivamente na margem esquerda do Rio Miranda foi construída a sede da administração do 6º Batalhão e as habitações para as famílias dos militares e civis.

Desse modo, os fatos históricos demonstram quais os agentes produtores do espaço naquele momento e como o espaço em que viria a ser Jardim foi inicialmente produzido.



**Figura 2:** Imagem da sede do 6º Batalhão e Vilarejo que antecede a Vila Jardim  
**Fonte:** Rita Carmem Braga Lima (2006)

Mais tarde o mesmo doou cento e trinta hectares de terras para o exército brasileiro, local onde se encontra construído a sede da 4ª Companhia de Engenharia “Tenente Coronel Juvêncio” (LIMA, 2006).

Além da doação das terras para o Exército Brasileiro o senhor Fábio Martins Barbosa também doou as áreas onde está localizada a igreja matriz de Santo Antônio, o Esporte Clube Jardim, praça central, prefeitura municipal, Hospital Marechal Rondon, aeroporto, cemitério Padre José Ferrero toda essa área pertencia a Fazenda Jardim de sua propriedade (LIMA, 2006).

Em 1945 o 6º batalhão é extinto sendo criada em seu lugar a CER-3 (Comissão de Estradas e Rodagens nº 3). Esse órgão era comandado pelo Ministério dos Transportes e o comandante, era o Major Alberto Rodrigues da Costa.

“Historicamente, a CER-3 teve um papel significativo na consolidação do Centro-Oeste brasileiro, promovendo a integração e povoamento da região”. (CAVANHA, 2010, p.31). Nesse contexto ainda destacamos que a CER-3 teve um papel fundamental no processo de configuração territorial de Jardim e influenciou a produção do espaço urbano.

O então chefe da CER-3, Major Alberto Rodrigues da Costa, preocupado com as condições precárias que viviam os civis, militares e seus familiares, comprou parte das terras da Fazenda Jardim de propriedade do senhor Fabio Martins Barbosa para lotear e vender com preços acessíveis a seus funcionários (LIMA, 2006).

O Major Alberto Rodrigues da Costa, no dia 14 de Maio de 1946 reuniu seus funcionários civis e militares para comunicar que os primeiros a adquirir terrenos na área loteada seriam os fundadores da Vila que seria criada. Nessa mesma data ficou acertado o nome da Vila que criariam e para homenagear a primeira Fazenda existente no período da Guerra do Paraguai deram o nome de “Vila Jardim” (LIMA, 2006). Nesse momento, se constitui de fato a criação do que seria posteriormente a cidade de Jardim.

Ainda nessa mesma reunião organizada pelo Major Alberto Rodrigues da Costa foi lavrada a ata a qual foi denominada “Certidão de Nascimento” da cidade de Jardim/MS (LIMA, 2006).

Dessa forma, o município de Jardim/MS se originou através da política de desenvolvimento que o governo do Presidente Getúlio Dorneles Vargas implantou na região, contudo sua constituição enquanto um espaço de aglomeração de pessoas ocorre desde o fim da Guerra do Paraguai.

No decorrer do processo histórico de desenvolvimento da região, as políticas implantadas também reconfiguraram as necessidades daquele espaço, que ao receber mais agentes sociais foram surgindo novas demandas. Isso ocorre porque segundo Carlos (2011):

[...] a sociedade, ao produzir-se, o faz num espaço determinado, como condição de sua existência, mas através dessa ação, ela também produz, conseqüentemente, um espaço que lhe é próprio e que, portanto, tem uma dimensão histórica com especificidades ao longo do tempo e nas diferentes escalas e lugares do globo. [...] (CARLOS, 2011, p.53)

Em resumo, a cidade nasce de fato por conta do envio de militares para região com o propósito da construção de estradas. Progressivamente, surgem novos agentes sociais produtores do espaço, que por sua vez possuem necessidades de desenvolvimento desse espaço para suprir suas demandas mais básicas, como alimentação, saúde, transporte, habitação etc.

Desse modo, a constituição da cidade se promove enquanto um espaço urbano que conseqüentemente passa por um processo de urbanização e produção do espaço urbano.

## **2.2. A constituição de Jardim e o aumento populacional: elementos para compreender o processo de urbanização**

Dado este contexto da trajetória histórica do processo de formação da cidade, destaca-se que o processo de urbanização de Jardim teve início com a criação da Vila Jardim no ano

de 1946, por meio de um loteamento de terras da Fazenda Jardim, a qual consolidou o núcleo urbano da cidade, conforme já destacado.

Foi a partir da Vila Jardim que áreas vizinhas foram se anexando ao núcleo urbano da cidade. Conforme a demanda por espaço foi aumentando por conta da vinda de pessoas que migravam para região com o propósito de trabalhar na construção das estradas essas pessoas saíam de sua região em busca de emprego na CER-3.

Ou seja, a cidade teve início com a Vila Jardim, por conta do fluxo de migração que a Vila na época recebia com isso seu espaço geográfico teve de ser ampliado surgindo assim as novas vilas que foram se anexando a Vila Jardim e, conseqüentemente transformando-se em cidade.

“A cidade, enquanto realização humana é um fazer-se intenso, ininterrupto. [...]. Isso nos leva a associar a ideia da cidade com as imagens do inacabado”. (CARLOS, 2013, p. 67)

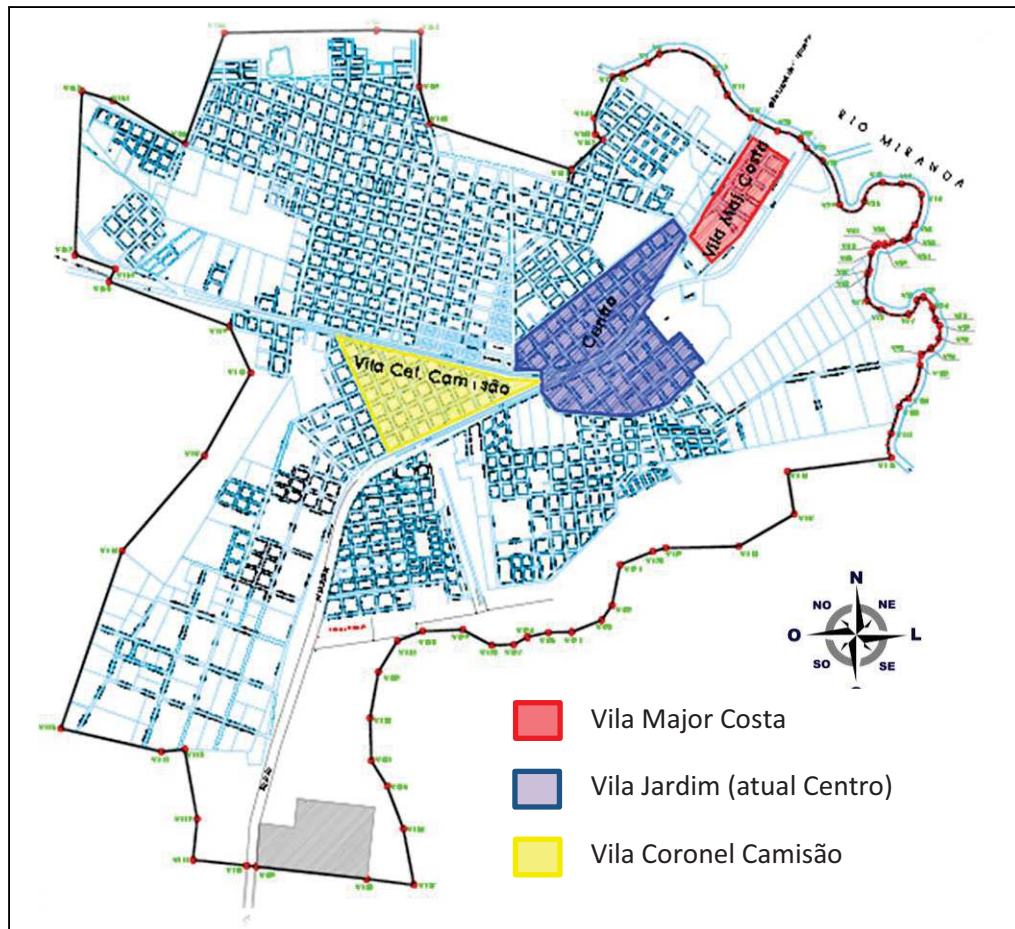
Além das pessoas que migravam de outras regiões do país houve também outro fator, o êxodo rural, que é a migração do campo para a cidade esse fato também contribuiu para o aumento da população em Jardim/MS.

**Tabela 1:** Crescimento populacional do Município de Jardim/MS (1950 – 1970)

	<b>Década</b>	1950	1960	1970
<b>Jardim/MS</b>	<b>População</b>	2.591	6.061	10.460

**Fontes:** IBGE, <http://bdeweb.semade.ms.gov.br/bdeweb/>

Com o aumento da população foi crescendo também o espaço urbano da cidade de Jardim/MS, pois em 1950 formaram-se as Vilas Major Costa e Vila Coronel Camisão, ou seja, a cidade agora se encontrava configurada em três bairros: Vila Jardim (atual Centro), Vila Major Costa e a Vila Coronel Camisão, esses bairros “abrigavam” a população da cidade na época como se observa na figura a seguir (GOMES, 2012).



**Figura 3:** Configuração urbana de Jardim/MS em 1957

**Fonte:** Brito Engenharia, 2016.

Porém, com as frentes de ocupação fomentadas pelo Governo Federal, bem como as frentes pioneiras que atingiram a região da Bodoquena na década de 1950 e a pressão sobre o espaço urbano, surgiu à necessidade de um número maior de lotes para atender a demanda de novos habitantes que vinham do campo ou de outras cidades com interesse de fixar moradia em Jardim/MS. Deste modo foi produzido o loteamento da Vila Angélica (GOMES, 2012).

Dessa forma, a transformação da Vila Jardim na cidade de Jardim/MS se deu, dentre outros motivos, por conta do crescente número de habitantes na Vila Jardim o que trouxe a necessidade de espaço e, conseqüentemente a ação dos agentes produtores do espaço que nesse caso foi o proprietário fundiário que com essa demanda maior de espaço, visou lucrar com a necessidade de produção desse espaço a qual deu início a produção do espaço urbano de Jardim/MS.

### 2.3. Processo de produção do espaço urbano: Vila Angélica na cidade de Jardim/MS

De acordo com o que foi relatada anteriormente a produção do espaço urbano se dá por um conjunto de interesses um deles cabe aos proprietários fundiários que são os donos de terras rurais e urbanas, pois para eles quanto mais espaço a cidade necessitar para sua expansão maior será o lucro desse proprietário fundiário.

Outro agente que possui interesse na produção do espaço urbano são os proprietários dos meios de produção como os industrialistas, os comerciantes, os especuladores imobiliários etc., ambos interessados no lucro que a produção desse espaço pode lhes render, ou seja, o que os move é o capitalismo.

Segundo Corrêa (2011)

Os agentes sociais da produção do espaço estão inseridos na temporalidade e espacialidade de cada formação socioespacial capitalista. Refletem, assim, necessidades e possibilidades sociais, criadas por processos e mecanismos que muitos deles criam. [...]. (CORRÊA, 2011, p.44)

Com isso em 1958 a cidade de Jardim contava com um número grande de pessoas que na época continuavam a migrar para a área urbana em busca de melhor condição de vida, e foi com o propósito de expandir a área urbana da cidade para que essas pessoas pudessem construir suas habitações que foi criada o loteamento Vila Angélica.

Foi então que o senhor Oswaldo Monteiro (proprietário fundiário) deu início ao projeto de loteamento de uma área de sua propriedade com trezentos e setenta e cinco (375) hectares que se localizava nesta cidade, ficando à esquerda da Rodovia que conecta Aquidauana, Jardim e Porto Murtinho. A área loteada pertencia à Fazenda Jardim de sua propriedade.

Mediante a análise desse processo histórico de loteamento dessa área, compreende-se que a finalidade principal era responder as demandas que vinham se processando naquele momento e que correspondia ao desenvolvimento da cidade, ao aumento populacional, a necessidade de mais espaço para habitação, ou seja, correspondia ao processo de produção do espaço urbano, que então ocorria paralelamente a todos esses fatores destacados. “A conclusão e o objetivo do presente loteamento é ampliar a cidade e proporcionar a todos a aquisição de lotes e chácaras a preços acessíveis”. (CARTÓRIO DE 1º OFÍCIO DE BELA VISTA, 1990, fls, nº1)

A área loteada foi dividida em mil e setecentos (1.700) lotes e oitenta e duas (82) chácaras, dando um total de cento e cinquenta e oito (158) quadras, as quais foram numeradas de 1 a 158 e outras seis (6) demarcadas com as letras A, B, C, D, E, F. Foram destinadas a

construção de praças as quadras de número 1 – 25 -42 - 52, as quadras com numeração 2 e 3 ficaram para a assistência social de Jardim, o lote de número 55 foi reservado para o reservatório de água potável e a usina termoeletrica.

De acordo com isso a criação do loteamento Vila Angélica foi para atender a grande demanda de espaço que a cidade necessitava na época, mas a área loteada segundo Gomes (2012, p.66) era capaz de abrigar uma população de 5.100 habitantes, tal fato não condiz com a grande demanda de espaço que a cidade precisava já que Jardim tinha em 1960 uma população de 6.061 habitantes, com isso o total da população na época ocuparia inteiramente o loteamento Vila Angélica.

Dessa forma, o loteamento da Vila Angélica não foi produzido para atender as necessidades de espaço que a população da cidade de Jardim/MS necessitava naquele período, mas sim para gerar lucros aos agentes chamados promotores imobiliários e o proprietário fundiário. Ainda hoje é possível fazer essa mesma leitura sobre o processo de produção do espaço urbano na referida área.

De acordo com que se pode perceber o loteamento Vila Angélica foi criado para beneficiar aqueles que tinham interesse de possuir chácaras e não lotes para construir casa dentro da cidade, ou seja, na área urbana, em função disso os lotes vendidos como chácaras e glebas estão em locais mais afastados do tecido urbano da cidade de Jardim/MS.

Os lotes que não foram vendidos como chácaras na época constituíram como espaços vazios e abandonados à espera de compradores, pois os mesmos tinham um valor muito alto dificultando assim a compra dos mesmos pelas pessoas que vinham do campo para a cidade.

Se para a época em que o loteamento foi criado o valor dos lotes era muito alto, valor esse que não se tem registro, entende-se que hoje em dia um lote localizado próximo das áreas agora urbanizadas custa em média setenta mil reais.

Atualmente a Vila Angélica encontra-se bastante urbanizada, pois até mesmo as áreas que na época de sua criação foram vendidas como chácaras hoje algumas já foram loteadas e vendidas em forma de terrenos através de projetos criados pelo Estado, Prefeitura Municipal de Jardim e bancos, como a Caixa Econômica Federal.

Dessa forma, o agente que promove a produção desse espaço urbano que atual se constitui pela Vila Angélica é o Poder Público enquanto poder Municipal e Estadual. No caso dessa Vila esses agentes promoveram a instalação e construção de postos de saúde, pavimentação asfáltica rede de água e esgoto.

Territorialmente, uma área que foi inicialmente criada a partir de uma extensão de trezentos e setenta e cinco (375) hectares, hoje esse total de terras loteada para a criação da

Vila Angélica, segundo o poder público municipal, está localizada totalmente no perímetro urbano da cidade de Jardim, mas existem áreas que ainda possuem chácaras que são de uso rural dentro do perímetro urbano. Compreende-se com isso que o processo de produção do espaço urbano em Jardim foi favorecido com a criação da Vila Angélica e temporalmente nota-se que essa área foi urbanizada e se configura como um importante espaço habitacional na cidade de Jardim.



**Figura 4:** Imagem da Vila Angélica na atualidade

**Fonte:** Google Earth

**Org:** Teixeira, Elton.

O loteamento Vila Angélica, hoje conhecida como Vila Angélica, passou por grandes transformações, pois a área que foi loteada em 1958 possui escolas, creches, posto de saúde e em algumas áreas da Vila já existe pavimentação asfáltica e rede de esgoto.

Tais benfeitorias realizadas na Vila Angélica também ajudam no aumento do valor do terreno localizado nessa região, pois as áreas mais valorizadas são as que ficam próximas de posto de saúde, escola, comercial e com asfalto.

E em conjunto com esses agentes teve a participação dos promotores imobiliários por conta da incorporação que vem a ser financiamento; estudo técnico; construção ou produção física do imóvel; e comercialização, que foi o caso dos novos loteamentos realizados nos terrenos que antes tinham sido vendidos como chácaras.

Desse modo a criação da Vila Angélica surgiu do conjunto de interesses de grupos sociais diferentes, ou seja, houve o interesse mercadológico, por parte dos agentes produtores do espaço, nesse caso o proprietário fundiário, e o interesse da sociedade que com esse loteamento teve a oportunidade de adquirir parte desse lote para uso rural como as chácaras.



Após todos esses relatos sobre o processo de produção da Vila Angélica, no capítulo seguinte foi realizada uma pesquisa de campo para apurar se o processo de produção do espaço urbano de fato tem promovido desenvolvimento para os residentes dessa área. Nesse sentido, aplicamos questionários com a finalidade de compreender como os habitantes atuais da Vila Angélica adquiriram seus lotes/terrenos/casas para habitação, como se deu esse processo e de que forma a Vila Angélica é contemplada com infraestrutura básica, como escolas, creches, asfalto, energia, esgoto etc., de forma a analisar o processo de produção do espaço urbano pelos agentes sociais/econômicos.

Com isso, buscamos compreender como a produção do espaço urbano tem se configurado na Vila Angélica, considerando esses elementos de estruturação física que contribuem para esse processo e para o desenvolvimento urbano da cidade de Jardim/MS.

## CAPÍTULO III

### 3.1. Vila Angélica: alguns elementos para discussão

Como já discutimos nos capítulos anteriores, o processo de produção do espaço urbano se dá mediante aos elementos que configuram a urbanização, bem como a atuação e os interesses dos diferentes agentes produtores do espaço, quais são os motivos que levam a produção e expansão do espaço urbano de uma cidade.

Dessa forma, o processo de produção do espaço urbano da Vila Angélica teve início em 1958, com o loteamento Vila Angélica, o qual se configurou no maior loteamento da cidade de Jardim/MS até os atuais dias.

Os motivos segundo o documento de registro em cartório era para atender a grande demanda da população que a cidade recebia na época, o que na verdade não se confirma, pois na área que foi loteada caberia toda a população que já habitava a cidade de Jardim/MS naquele período, como já destacamos anteriormente.

Para atender tais necessidades de espaço, os lotes foram divididos e alguns vendidos em forma de chácaras, os quais nos dias atuais estão sendo vendidos novamente para a construção de novas moradias, ou seja, sendo loteado novamente e servindo de mercadoria para os agentes produtores do espaço urbano.

Nessa lógica são os proprietários fundiários que vem a ser os antigos donos das chácaras e os promotores imobiliários que fazem a propaganda das áreas que estão à venda e até mesmo das próprias casas que são construídas para serem vendidas nos lotes que foram chácaras no passado.

Para que possamos compreender melhor como está a configuração espacial da Vila Angélica nos dias de hoje em relação ao processo de produção do espaço urbano, metodologicamente foi realizada uma pesquisa de campo buscando, dessa forma, analisar como tem se processado a produção do espaço urbano na Vila Angélica, quais são os agentes produtores do espaço responsáveis por isso, e se a Vila possui infraestrutura necessária para atender seus moradores etc., ou seja, como o processo de urbanização se processou e processa nessa espaço, considerando a realidade local e os residentes desse espaço.

### **3.2. Sistematização de dados: uma abordagem de campo sobre o processo de urbanização e produção do espaço urbano na Vila Angélica**

Para compreensão dos elementos conceituais destacados nos capítulos anteriores, tais como: produção do espaço urbano e processo de urbanização elaboramos uma entrevista com quatorze questões, sendo treze questões objetivas, em que o entrevistado tinha duas opções de respostas “Sim” e “Não”, e uma questão aberta, em que o entrevistado poderia justificar sua resposta. Os entrevistados foram os residentes da Vila Angélica.

No total foram 10 entrevistas, aplicadas no dia 05/10/2016. Após tal procedimento metodológico, realizamos a sistematização dos dados recolhidos, chegando a alguns resultados apresentados a seguir.

A primeira questão refere-se ao tempo que o entrevistado reside no local. Na pesquisa realizada na Vila Angélica constatou-se que 50% dos moradores entrevistados moram na Vila a mais de vinte 20 anos, 20% a mais de dez 10 anos e 30% a menos de um 1 ano.

Dessa forma pode-se perceber que a Vila ainda recebe novos moradores, o que indica possuir espaço para a construção de novas moradias e isso ainda ocorre mesmo após seus cinquenta e oito anos de criação.

Isso vem confirmar que a área loteada em 1958 era maior que a necessidade de espaço a ser produzida para atender o número crescente de população que a cidade recebia na época.

No que tange a propriedade das residências, constatamos que todos os moradores da Vila Angélica que foram entrevistados tem suas residências próprias, 80% deles os terrenos onde estão construídas suas casas não são de loteamento recente, ou seja, são moradores que possuem suas residências construídas nos terrenos que foram divididos e vendidos em forma de lote para a construção de residências na época da criação da Vila Angélica.

Dentre os moradores entrevistados 20% deles possuem residências que estão construídas em loteamento recente. Isso indica que a Vila Angélica ainda passa por processo de urbanização nos dias de hoje e o processo de produção do espaço urbano ainda se processa lentamente (conforme veremos a seguir), dessa forma, esse processo demonstra que a Vila Angélica é um espaço que ainda tem recebido moradores, e que existem pessoas interessadas em preencher os espaços vazios que ainda existem nesse bairro.

Dentre os moradores entrevistados, 50% deles têm suas residências quitadas e outro 50% são financiadas. Essa porcentagem demonstra que a Vila Angélica tem passado por transformações ao longo do tempo, por conta do número de moradores que possuem residências financiadas pelo banco.

Isso significa que esse percentual que tem suas residências financiadas pelo banco são proprietários de casas novas, recém-construídas, por conta de que o banco só aprova financiamento de casas novas ou ainda em construção por uma série de exigências de documentação, desse modo, esse percentual de casas financiadas pelo banco são novas na Vila Angélica, conforme podemos observar nas fotos a seguir:



**Figura 5:** Novas habitações na Vila Angélica.  
**Fonte:** Pesquisa de Campo, 2016.

Do total de moradores entrevistados 80% deles moram em residências que não foram construídas pelo Poder Público, no caso Prefeitura Municipal de Jardim, já os 20% restantes moram em residência construída pelo Poder Público, no chamado “Conjunto Habitacional”, como é o caso do Conjunto Habitacional Dinah Brum Escobar e Edir Figueiredo.

A pesquisa demonstra um percentual de moradores que possuem residência que não foram adquiridas com o auxílio do Poder Público, isso significa que dos 80% desses moradores 50% são aqueles que possuem residências quitadas e os 30% são moradores que compraram terrenos ou em loteamento recente na Vila Angélica e construíram suas residências, os quais se incluem nos 50% que possuem suas residências financiadas por bancos.

Os moradores que tem suas residências em “Conjunto Habitacional” também são os 20% de moradores que possuem suas residências construídas em loteamento recente, ou seja,

os conjuntos habitacionais que o poder público, no caso da cidade de Jardim/MS é a Prefeitura Municipal em parceria com a Caixa Econômica Federal.

Dessa forma são feitos os loteamentos de algumas áreas que foram chácaras, nas quais foram construídas as residências no formato de um “Conjunto Habitacional”, em que as casas são padronizadas, ou seja, todas do mesmo modelo e tamanho. Mas, os moradores fazem modificações nas casas alterando seu modelo, como é o caso do Conjunto Habitacional Dinah Brum Escobar que algumas das casas já não têm o mesmo padrão de quando foram entregues. A seguir é possível observar essas residências



**Figura 6:** Conjunto habitacional Dinah Brum Escobar (2016)  
**Fonte:** Pesquisa de Campo, 2016.

Essas residências não foram doadas para esses moradores eles pagam uma parcela bem abaixo do valor de uma casa financiada, mas possuem um contrato de financiamento em seu nome com o banco que nesse caso é a Caixa Econômica Federal.

Na Vila Angélica existe um loteamento novo onde há um conjunto habitacional em construção no momento em que a pesquisa estava sendo realizada a seguir constam as fotos.



**Figura 7:** Novo loteamento e construção de conjunto habitacional.  
**Fonte:** Pesquisa de Campo, 2016.

Todo esse processo de urbanização e produção do espaço urbano que a Vila Angélica ainda passa nos dias atuais, tem uma importância muito grande para a população que já habitava essa Vila desde sua criação em 1958. Isso porque com esse processo a Vila Angélica teve/tem seu espaço geográfico preenchido, o que favorece e intensifica o interesse de agentes produtores do espaço urbano em se localizar nesse espaço mediante a abertura, por exemplo, de comércio e prestação de serviços.

Hoje há na Vila Angélica comércios como mercados, mercearias, lojas de roupa, padarias, lojas de utensílios domésticos, revendedora de automóveis, fórum, centro comercial, na área da saúde possui farmácias, laboratórios de análises clínicas, clínica médica (CEMED) e o Hospital Marechal Rondon e a estação de tratamento e abastecimento da SANESUL (Empresa de saneamento básico de Mato Grosso do Sul). Existem também lanchonetes, conveniências, frutaria e prestação de serviços como bicicletaria. Além disso, constatamos que o processo de urbanização e produção do espaço urbano favorece a segurança para a população que mora próximo das áreas que estão sendo construídas as novas residências, ou seja, acabando com as áreas sujas e abandonadas da região. Além de acabar com as áreas sujas e abandonadas, esse processo de urbanização ajuda a melhorar parcialmente a infraestrutura dessa região, pois com a criação de novos loteamentos na Vila Angélica, novas ruas são criadas e, conseqüentemente foi instalada iluminação pública.

Dessa forma, toda essa transformação acaba trazendo benefícios também aos moradores mais próximos, pois esses moradores terão mais facilidade de transitar pela rua tanto por conta de estarem mais iluminadas como também por ter mais facilidade de acesso com as novas ruas.

Dos moradores entrevistados 90% moram em ruas da Vila Angélica sem pavimentação asfáltica e apenas 10% moram em local onde possuem pavimentação asfáltica. A seguir fotos dessas ruas:



**Figura 8:** Ruas com pavimentação asfáltica e sem pavimentação asfáltica.  
**Fonte:** Pesquisa de Campo, 2016.

Neste caso o mesmo percentual de moradores não possui rede de esgoto que neste caso soma-se em 90% dos entrevistados e o percentual de 10% que possuem rede de esgoto na Vila Angélica.

Esse percentual de moradores que vivem em ruas sem pavimentação asfáltica e redes de esgoto são moradores que residem em áreas um pouco mais afastadas do centro da cidade de Jardim, pois nessas áreas mais afastadas só existem pavimentação asfáltica nas ruas que dão acesso direto às avenidas que ligam os bairros ao centro da cidade.

Já os moradores que estão no percentual de 10% que tem asfalto e rede de esgoto em sua rua são os que moram em áreas da Vila Angélica mais próxima ou que dão acesso ao centro cidade, ou seja, nas ruas que fazem a ligação do bairro com o centro da cidade de Jardim/MS, como a Rua São Paulo, Avenida Mato Grosso, parte da Rua Miranda, Rua Três Lagoas, Rua Aquidauana, Rua Antônio Pinto Pereira, Rua Corumbá, Rua Maracaju, Rua Campo Grande, Rua Ponta Porã e as Ruas Coronel Stuck e Rondonópolis.

Em relação à questão que se refere à existência de novas residências sendo construídas nas ruas em que moram 50% dos entrevistados relataram que “sim” e outros 50% relataram que “não”, ou seja, não existem novas residências sendo construídas em sua rua. Isso demonstra que em algumas áreas da Vila Angélica ainda possui espaço para a construção dessas novas residências, isso só vem confirmar que o processo de urbanização e produção do

espaço urbano ainda acontece nesse bairro e que os agentes produtores do espaço urbano ainda possuem espaços para desenvolver e promover seus interesses imobiliários.

Destacamos ainda que não são somente os espaços que foram chácaras que estão disponíveis para esse processo, mas que existem terrenos que foram divididos na época de sua criação e que ainda se encontram vazios sem ser utilizado na Vila Angélica.

Dos moradores que disseram “sim”, ou seja, que há novas residências sendo construídas em sua rua relatam que as mesmas são para venda e que 30% estão sendo construídas por novos proprietários do terreno.

Assim sendo, compreende-se que se há construção de novas residências sendo feita na Vila Angélica é porque existe uma especulação imobiliária neste local, ou seja, existem pessoas com interesse de adquirir casas na Vila Angélica, seja para moradia própria ou para aluguel. Tal processo gera interesse por parte dos agentes produtores do espaço que nesse caso são proprietários fundiários que vem a ser os donos de terras urbanas e os promotores imobiliários que possuem interesse de obter lucro com essas construções.

Esses promotores imobiliários fazem a propaganda dos terrenos que estão vazios e abandonados, além de divulgar que existem pessoas interessadas em comprar casas na Vila Angélica. Na maioria dos casos esses promotores imobiliários são donos de imobiliárias na cidade, o que facilita fazer a propaganda desses terrenos, com a divulgação de placas de “vende-se” e, é dessa forma que esses promotores imobiliários obtém informações de pessoas com interesse em morar na Vila Angélica por conta de serem donos de imobiliárias locais em que as pessoas vão em busca de casas para alugar ou comprar.

Com isso conseguem pessoas interessadas em investir na compra desses terrenos para construir casas para vender, dessa maneira, os promotores imobiliários conseguem lucrar primeiro com a venda dos terrenos e, em seguida, fazem a propaganda de venda das novas residências construídas nesses terrenos lucrando ainda mais com a venda das mesmas.

Há ainda a construção feita pelos antigos donos do terreno que nesse caso soma-se 20%, lembrando que todas são vendidas tanto para pessoas com recursos financeiros próprios, como também através de financiamento bancário, sejam as casas construídas por novos proprietários do terreno ou pelos antigos proprietários.

Dos moradores entrevistados 60% revelam que em sua rua existem sim terrenos vazios a venda e outros 40% revelam que “não” que todos os demais terrenos da rua estão preenchidos com residências.



Essa porcentagem demonstra que mesmo com um número considerável de casas sendo construída nos terrenos vazios da Vila Angélica existe o dobro da porcentagem ainda a venda nessa área.

Isso significa que algumas áreas da Vila Angélica, embora localizadas no perímetro urbano e, portanto, deveriam deter toda a infraestrutura resultante do processo de urbanização e de produção do espaço urbano, ainda se constituem como espaços vazios, por conta do grande número de terrenos vazios e por possuir ainda em seu entorno algumas chácaras que provavelmente poderão vir ser loteadas e vendidas como já foi feita com algumas na Vila. Como se pode verificar nas fotos a seguir.



**Figura 9:** Vazios urbanos na Vila Angélica.  
**Fonte:** Pesquisa de Campo, 2016.

Quando perguntados se a Vila Angélica atende todas as necessidades de seus habitantes, como posto de saúde, mercado, asfalto, iluminação pública; 90% dos moradores disseram que “não” e apenas 10% disseram “sim” que estão satisfeitos com o que tem na Vila Angélica.

Isso ocorre pelo fato de que a Vila Angélica é considerada a maior área que foi loteada na cidade de Jardim/MS, dessa forma demanda mais investimentos, recursos básicos, como foi citado acima, como por exemplo, um número maior de assistência à saúde, mercado, iluminação pública etc, para atender às necessidades de seus moradores.

Desse modo, pode-se perceber que o Poder Público, neste caso a Prefeitura Municipal da cidade de Jardim/MS não tem conseguido atender totalmente as necessidades da população da Vila Angélica. Como por exemplo, construindo mais postos de saúde fazendo a instalação de iluminação pública entre outros benefícios que os moradores dessa Vila necessitam.

Precisaria que esse Poder Público tivesse o olhar um pouco mais voltado mais para a Vila Angélica por conta da dimensão do espaço urbano que essa Vila ocupa e porque ainda nos dias atuais estar em constante processo de urbanização e produção do espaço urbano, intensificando inúmeros interesses de diferentes agentes produtores desse espaço.

Já sobre a questão em que pergunta se considera que a Vila Angélica é melhor que os demais bairros de Jardim/MS ficaram dividido, pois 50% consideram que “sim” e outros 50% consideram que “não”.

Como já foi citado anteriormente, por ser um bairro com grande extensão territorial, a Vila Angélica é considerada por um número considerável de moradores como a melhor Vila da cidade de Jardim/MS para se viver. Isso ocorre devido os mesmos morarem em local próximo dos recursos básicos como, por exemplo, fica próxima do posto de saúde, escolas, creche e de supermercados.

Já a outra parte que não considera a Vila Angélica o melhor bairro para se viver, são os moradores que não estão próximos desses recursos ou que moram em local recém-urbanizado como é o caso dos loteamentos recentes na Vila Angélica.

A seguir podemos ver as justificativas que os moradores entrevistados deram para suas respostas, para os que disseram que “sim” e os que disseram que “não”, que a Vila Angélica não é melhor que os demais bairros da cidade.

Os argumentos que justificam as respostas dos moradores que disseram que a Vila Angélica não é melhor que os demais bairros de Jardim/MS são de que o bairro tem uma deficiência em infraestrutura como pavimentação asfáltica, rede de esgoto, área de lazer e etc.

Um dos entrevistados relata que o bairro precisa de mais infraestrutura, pois na cidade existem bairros bem mais estruturados que a Vila Angélica, mas que na questão sociocultural é um bom lugar para se morar.

Esse morador relata que nesse bairro existem algumas pessoas que são moradores antigos os quais carregam certa tradição e costumes, portanto, o mesmo considera que é um bairro bom para viver. O morador revela ainda que não acredita que em Jardim/MS exista um bairro que atenda 100% as necessidades de seus moradores.

Para os 50% dos moradores que acreditam que a Vila Angélica é melhor que os demais bairros da cidade de Jardim/MS suas justificativas para essa afirmação são de que a

Vila fica próxima da Universidade, possui três escolas, tem creche, posto de saúde, possui supermercado conveniado a grandes redes, o que é possível constatar a partir das fotos a seguir:



**Figura 10:** Instituições públicas que favorecem a busca por moradia na Vila Angélica.  
**Fonte:** Pesquisa de Campo, 2016.

Esta afirmação decorre também devido estar bem localizada, ou seja, é um bairro de fácil acesso ao centro da cidade, possui baixo índice de violência o que faz da Vila Angélica um local tranquilo para se viver.

Ainda segundo um dos moradores, no entanto, como todos os bairros da cidade, a Vila Angélica ainda precisa de muito investimento para se tornar um bairro excelente para se viver.

Com todas essas informações obtidas com a pesquisa de campo na Vila Angélica, pode-se perceber que a mesma ainda passa por um processo de urbanização e produção do

espaço urbano por conta que ainda há lotes vazios e áreas que foram chácara no início de sua fundação sendo loteadas para a construção de novas moradias.

Todo esse processo só é possível quando se tem pessoas interessadas em morar em determinado lugar que nesse caso vem a ser a Vila Angélica, dessa forma, esse espaço passa por constante transformação, ou seja, por não estar totalmente urbanizada a Vila Angélica ainda tem seu espaço urbano sendo produzidos pelos diferentes agentes produtores e, conseqüentemente passará por vários processos de transformação até seu espaço urbano ser totalmente preenchido.

Mesmo o bairro não oferecendo uma infraestrutura que possa atender 100% as necessidades de seus moradores, é um bairro que tem atraído novos moradores os quais estão vindos em busca de moradia fixa, ou seja, não estão no bairro de passagem vieram construir uma relação social com esse espaço dentro da Vila Angélica na cidade de Jardim/MS.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho apresentou uma análise do processo de urbanização e produção do espaço urbano na cidade de Jardim/MS, buscando verificar como esse processo ocorreu especificamente na Vila Angélica, maior vila da cidade.

A criação do bairro Vila Angélica na cidade de Jardim/MS, teve como principal motivo o crescente aumento populacional que a cidade recebia na época 1958, ou seja, esse bairro segundo consta em documento lavrado em cartório foi criado para que pudesse acolher toda essa demanda populacional que a cidade de Jardim/MS recebia naquele momento.

Dessa forma, foi feito o loteamento Vila Angélica com uma área de 375 hectares que era parte da Fazenda Jardim de propriedade do Sr. Oswaldo Monteiro, toda essa área loteada foi dividida, parte dela em lotes para que pudessem ser construídas residências e outra foi vendida como chácaras.

Mas, o que pudemos verificar é que muitos desses lotes ficaram sem nenhum tipo de uso, isso se deu porque mesmo com o grande fluxo de pessoas que a cidade de Jardim/MS recebia na época por conta tanto do êxodo rural como também pela oferta de trabalho que a região tinha por conta da CER-3, que na época construía novas estradas e tinha sua sede em Jardim/MS, esse número de pessoas não era suficiente para ocupar tamanha área loteada, aí já se verifica como o processo de produção do espaço urbano foi controlado e manipulado pelos agentes produtores do espaço.

Isso também ocorreu devido os lotes que eram para vender e serem construídas moradias tornando esse loteamento urbanizado tinham um valor muito alto, valor esse que muitas dessas pessoas que migravam para a cidade não tinham condições de comprar, principalmente os que saíam do campo e vinham para a cidade em busca de melhores condições de vida para sua família, o que demonstra que os interesses dos agentes produtores do espaço urbano ocorreu considerando as vantagens existentes para beneficiar as pessoas que tinham interesse de adquirir chácaras dentro do perímetro urbano da cidade, dessa forma os demais lotes que eram destinados a construção de moradia tinham um valor não muito acessível para os demais interessados em morar na Vila Angélica.

Outro fator que não possibilitou o processo imediato de urbanização dessa Vila foi que a área loteada era maior que o número de habitantes que residiam na época na cidade, ou seja, nessa área caberia toda a população já existente na cidade e também as que migravam para a mesma na época.

Desse modo, os motivos que levaram a sua criação não se confirmaram, na realidade acreditasse que esse loteamento, no qual ficou configurado espacialmente como o maior da cidade de Jardim/MS, na verdade foi para que beneficiasse as pessoas que tinham interesse de adquirir lotes para a construção de chácaras próxima da cidade.

Isso pode ser constatado porque foi realizada uma pesquisa de campo na Vila, e foi com essa pesquisa que podemos verificar que nos dias atuais existem lotes vazios da época em que foi feita a divisão dos lotes no loteamento Vila Angélica, mas também há novos loteamentos sendo realizado na área que foi vendida como chácara neste mesmo período, o que caracteriza que o espaço urbano vem sendo produzido.

Constatamos ainda como a Vila Angélica tem sido atendida com infraestrutura, como por exemplo: asfalto, rede de esgoto entre outros aspectos que trazem conforto e benefícios a seus moradores.

Pode-se analisar também quais são os agentes produtores do espaço que tem contribuído no processo de urbanização e produção do espaço urbano na Vila Angélica e como todo esse processo contribui para a valorização desse bairro.

Isso por que com a pesquisa de campo associadas às abordagens teóricas pode-se verificar que a Vila tem sido ocupada por novos moradores com residências fixas, essas novas ocupações, segundo os moradores, e de acordo com nossas análises e compreensão, tem se dado porque o bairro oferece segurança e possui uma infraestrutura que mesmo não atendendo suficientemente as necessidades dos moradores acaba suprindo as necessidades básicas dos mesmos. Além de ser um bairro com boa localização, ou seja, e de fácil acesso aos demais bairros da cidade incluindo o centro onde está concentrada a maior área urbanizada da cidade de Jardim/MS.

Em síntese, toda essa análise mostra-nos que o bairro teve seu processo de urbanização e produção do espaço urbano realizado de maneira muito lenta e constatou-se que ainda nos dias atuais, a Vila Angélica tem seu espaço urbano produzido e áreas que ainda são chácaras sendo urbanizadas, pois apesar de fazer parte da cidade, não possuem infraestrutura igual as demais áreas da cidade de Jardim/MS.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes de; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (orgs). **A Produção do Espaço urbano**. São Paulo: Contexto, 2011.
- CARLOS, Ana Fani. **A cidade**. São Paulo: Contexto, 2013.
- CARTÓRIO DE 1º OFÍCIO DE BELA VISTA. **Certidão Vintenária: Registro da Vila Angélica**. Bela Vista, 1990.
- CAVANHA, Jaquerson Rosa. **O Papel da Comissão de estradas e rodagem nº 3 – cer-3 na (re) Produção do Espaço Urbano de Jardim–MS (1945-1984)**. (Graduação em Geografia). Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Jardim/MS, 2010.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. 3. Ed. São Paulo: Ática, 1995.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **Sobre agentes sociais, escala e produção do espaço: um texto para discussão**. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes de; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (orgs). **A Produção do Espaço urbano**. São Paulo: Contexto, 2011. Cap.2, p.41-51.
- GOMES, Igor Ronyel Paredes. **O processo de Produção dos vazios urbanos de Jardim/MS**. (Graduação em Geografia). Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS Jardim/MS, 2012.
- LIMA, Rita Carmen Braga. **Jardim a história de uma cidade**. Editora Linotype. Impresso pela gráfica Bodoquena, Jardim/MS, 2006.
- LIMONAD, Esther. **Os lugares da urbanização: o caso do interior Fluminense**. Tese (doutorado) Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1996.
- LUSTOZA, R. Esteves. **Uma Reflexão sobre a Produção do Espaço Urbano-UPCommons**, 2012.
- MUMFORD, Lewis. **A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas**. Trad: Neil R. da Silva. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- PEREIRA, de Paiva Ferreira, Maria Cristina. **A produção desigual do espaço urbano: considerações sobre a Política Habitacional de Interesse Social no município de Parnamirim/RN**. Dissertação (Mestrado em Geografia). Programa de Pós Graduação em Educação Universidade Federal/ RN, 2013.
- SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **Capitalismo e urbanização**. São Paulo: Edusp. 1988.
- VASCONCELOS, Pedro Almeida de. **A utilização dos agentes sociais nos estudos de geografia urbana: Avanço ou recuo**. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes de; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (orgs). **A Produção do Espaço urbano**. São Paulo: Contexto, 2011. Cap.4, p. 75 - 96.

## APÊNDICE





**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL**

---

**CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

**UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE JARDIM**

**QUESTIONÁRIO PARA MORADORES DA VILA ANGÉLICA**

1. Mora há quanto tempo na vila Angélica?  
 meses       1 ano       mais de 1 ano       mais de 5 anos  
 mais de 10 anos       mais de 20 anos
  
2. Sua residência é própria ou alugada?  
 própria       alugada
  
3. O terreno em que mora é parte de um loteamento recente?  
 Sim       Não
  
4. O local onde se encontra sua residência é quitado ou financiado pelo banco?  
 quitado       financiado
  
5. A casa em que mora foi faz parte de residências construídas pelo poder público no caso a prefeitura municipal “conhecido como conjunto habitacional”?  
 Sim       Não
  
6. Na sua rua tem asfalto?  
 Sim       Não
  
7. Possui rede de esgoto?  
 Sim       Não
  
8. Na sua rua está sendo construídas novas residências?  
 Sim       Não



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL**

---

**CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

**UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE JARDIM**

9. As novas residências que estão sendo construída são para venda ou aluguel?  
( ) Venda ( ) Aluguel
10. Quem são os responsáveis pela construção das novas residências? O antigo proprietário do terreno ou um novo proprietário?  
( ) Antigo proprietário ( ) Novo proprietário
11. As casas que estão sendo construídas para vender na Vila Angélica são vendidas através de financiamento bancário?  
( ) Sim ( ) Não
12. Existem terrenos vazios a venda na sua rua?  
( ) Sim ( ) Não
13. Você acredita que a Vila Angélica atende todas as necessidades de seus habitantes? Como por exemplo, posto de saúde, mercado, asfalto, iluminação pública, etc.?  
( ) Sim ( ) Não
14. Você considera que a Vila Angélica é melhor que os demais bairros de Jardim/MS?  
( ) Sim ( ) Não
- Por quê?

---

---

---

## **ANEXOS**